



## A representação da mulher pequeno-burguesa ou a terrível oposição entre o Ser e o Parecer no ciclo *Port-wine* de Alves Redol

Lucien Diouf<sup>1</sup>

Resumo : O presente artigo tem por objetivo analisar como as aparências, signo da ordem burguesa, desempenham um papel fundamental no ciclo *Port-Wine* de Alves Redol. Apoiando-se sobre o materialismo dialético e sobre a teoria das privações de Alexandre Pinheiro Torres, é interessante saber na representação de uma figura feminina, que olhar a sociedade burguesa deita sobre os pequenos viticultores, sobre os sem-terra na ficção redoliana ? Como a crise vitícola do Alto Douro deixou as suas marcas na sociedade pequeno-burguesa e no seu desejo ardente de ascensão social ? Quais são os métodos utilizados por Alves Redol para não se limitar ao testemunho de uma época privada de esperança, mas para veicular uma mensagem ideológica e indicar o início de uma esperança, um caminho para um futuro melhor ? Estas são as interrogações que guiam a nossa reflexão.

Palavras-chave : Neo- Realismo , Alves Redol , representação, mulher, pequena burguesia.

Résumé : Le présent article a pour objectif d'analyser comment les apparences, signe de l'ordre bourgeois, jouent un rôle de premier plan dans le cycle *Port-wine* d'Alves Redol. En s'appuyant sur le matérialisme dialectique et sur la théorie des privations d'Alexandre Pinheiro Torres, il est intéressant de savoir dans la représentation d'une figure féminine, quel regard la société bourgeoise porte-t-elle sur les petits viticulteurs et sur les sans terre dans la fiction redolienne ? Comment la crise viticole du Alto Douro a marqué de son empreinte la société petite-bourgeoise et son désir ardent d'ascension sociale ? Quels sont les procédés utilisés par Alves Redol pour ne pas se limiter au témoignage accablant d'une époque privée d'espoir, mais pour délivrer un message idéologique et indiquer une espérance en marche, un chemin pour un avenir prometteur ? Telles sont les interrogations qui guident notre réflexion.

Mots-clefs : Néo-Réalisme, Alves Redol, représentation, femme, petite bourgeoisie.

Artigo recebido em: 19/05

Artigo aprovado em: 15/09

---

<sup>1</sup> <sup>1</sup> Doutor em Estudos Românicos pela Universidade Paul-Valéry – Montpellier, França. E-mail: diouf.lucien@yahoo.fr



## 1. Considerações iniciais

*Afinal o lugar que eu dou à mulher nos meus romances...é uma questão de fidelidade : de ser fiel à realidade<sup>2</sup>.*

A representação do universo feminino ocupa um lugar de destaque na obra de Alves Redol e, especialmente, no seu ciclo *Port-Wine* (*Horizonte Cerrado* 1949 ; *Os Homens e As Sombras*, 1951 ; *Vindima de Sangue*, 1953), onde as protagonistas desempenham um papel fulcral. As várias mudanças socioeconómicas que crise vitícola do ciclo *Port-Wine* criou, tanto ao nível dos detentores dos meios de produção como no meio dos trabalhadores vitícolas, fazem parte da nossa perspectiva crítica e permitem-nos interrogar-se sobre a relação indivíduo – classe social, para analisarmos a sociedade pequeno-burguesa do ciclo *Port-Wine* encarnada pela personagem feminina : Helena. O narrador, por meio desta mulher pequeno-burguesa, estabelece, de um lado, um quadro do quotidiano dos trabalhadores rurais, refletindo a miséria dos seus filhos ; de um outro lado, ele dá detalhes sobre a terrível oposição entre o ser e o parecer que pontua a vida pequeno-burguesa na trilogia.

À luz da teoria das privações de Alexandre Pinheiro Torres e do materialismo dialético, é interessante saber na representação de uma figura feminina, que olhar a sociedade burguesa deita sobre os pequenos viticultores, sobre os sem-terra da região vinhateira do Alto Douro ? Como a crise vitícola do Alto Douro deixou as suas marcas na sociedade pequeno-burguesa e no seu desejo ardente de ascensão social ? Quais são os métodos utilizados por Alves Redol para não se limitar ao testemunho de uma época privada de esperança, mas para veicular uma mensagem ideológica e indicar o início de uma esperança, de um caminho para um futuro risonho ? Estas são as perguntas que guiam a nossa reflexão.

---

<sup>2</sup> Alves Redol, Entrevista a *A Capital*, 22 de maio de 1968.



No ciclo *Port-Wine* de Alves Redol, o percurso de Helena, que, numa grande parte da obra cíclica é apresentada quase exclusivamente através do monólogo interior, é o resultado de uma educação romântica que se incorpora intimamente ao da pequena burguesia de seu tempo. Helena, personagem emparedada em sentimentos confusos : entre indignação e renúncia, procura um argumento qualquer para esconder a sua tristeza e iludir o seu imenso tédio. Como as outras mulheres da sua época e da sua classe, ela começa a escrever a sua história num diário<sup>3</sup> : único refúgio, exutório de uma vida sem relevo : « *Escreva o seu diário. É um passatempo muito distinto e confortável. [...] E entre as mulheres não foram poucas, entre as mais célebres, as que cultivaram esse meio tão elevado de falarem consigo próprias*». (REDOL, 1949, 52).

É através do diário desta personagem feminina que o mundo das crianças é revelado na trilogia. Este tema fortemente enraizada na ficção redoliana, está longe de oferecer uma visão monolítica nem alegre das crianças<sup>4</sup>. A promoção social para as camadas desfavorecidas é tão difícil neste meio, que a luta para a sobrevivência é perdida antecipadamente, desde a meninice. Exceto escassos momentos de divertimento, esses adolescentes têm todos uma vida pontuada pela privação material e afetiva. É neste contexto que Alexandre Pinheiro Torres nos lembra que a privação é um prejuízo à liberdade individual e é sinónimo de miséria social:

<sup>3</sup> Note-se que este diário tem um grande interesse no romance de Alves Redol, não só porque nos dá detalhes sobre a personagem de Helena, as suas convicções, a sua ingenuidade, os seus amores, o seu oportunismo, os seus projetos, em suma, o seu percurso ; mas também e principalmente porque nos dá uma visão panorâmica sobre as relações da sua classe com o resto da sociedade.

<sup>4</sup> Seduzido pelo mundo da infância, Alves Redol publica em 1956 *A Vida Mágica da Sementinha*, um conto e poema da terra, dirigido a crianças. Alguns anos mais tarde, em 1962, ele publica *Constantino, guardador de vacas e de sonhos*. Esta obra inspirada da vida de um rapaz de Freixial, Constantino Cara-Linda, tornou-se um clássico no seu género e reforça a inspiração de Alves Redol na área juvenil. O sonho e a fascinante aventura da descoberta maravilhosa da vida, são os pontos culminantes deste conto, marcado pelo humor e pela ternura. Outros textos como: *A Flor Vai Ver o Mar* (1968) *A Flor Vai Pescar Num Bote* (1968) *Uma Flor Chamada Maria* (1969) e *Maria Flor Abre o Livro das Surpresas* (1970), enriquecem essas fábulas. A emoção e a simplicidade constituem as principais características dessas narrativas onde o real e o sonho se confundem.



No livro neo-realista tem sempre de ficar bem exposto, ou explícito, o problema da privação económica [...]. Na sociedade burguesa-capitalista ocidental essas privações explanam-se a níveis diversos, conforme os países [...]. Afinal, de um ponto de vista mais elevado, a privação seja do que for é uma certa forma de miséria. Só haverá, ó Deuses, a privação económica ? E a social, a sentimental, a política, a histórica, a biográfica (no sentido em que uma determinada privação pode impedir um homem de construir ele mesmo, em perfeita liberdade, a sua própria biografia) ? (TORRES, 1977, p. 63).

O universo dos sem-terra é o da repetição mecânica, e a sua vida como a dos seus filhos envolvem uma luta perpétua contra o opressor, contra uma natureza violenta, contra si mesmos. O fracasso e o infortúnio parecem presidir à sua existência<sup>5</sup>. A marca cruel do destino lhes confere a pesada qualificação de vítimas das forças inevitáveis<sup>6</sup>. Eles não vêem uma solução para o seu futuro e o seu sucesso social senão pelo meio da emigração :

Quando ali nascia um rapaz, dizia-se que com ele vinham ao mundo um garrano, uma espingarda, um reco e um relógio. Esqueciam-se, porém, de juntar o principal : que deveria surribar, pelo menos, um naco de montanha, fazer-lhe como o sangue uns tantos bardos de videiras e matar-se por eles toda a vida. Era o destino de quem por ali via a luz do Sol e não arrancava para outras terras. (REDOL, 1949, p. 32).

Uma leitura plural ou duas interpretações opostas podem ser tiradas do fragmento da descrição feita por Helena sobre as crianças dos sem-terra. Segundo a nossa protagonista, esses adolescentes « (...) *não têm culpa do que se passa e do que os outros fizeram. São malcriadas, bisonhas e às vezes estúpidas ; mas que podem fazer nesta aldeia onde tudo falta, onde só se fala de vinhas e de terras, onde o próprio pão vem de fora ?* » (REDOL, 1949, 56). A primeira leitura possível (« *Elas não têm culpa do que se passa e do que os outros fizeram.* ») permite-nos destacar a idéia de que a pertença do indivíduo a um

---

<sup>5</sup> « A grande maioria dos trabalhadores agrícolas do Alto Douro [...] era analfabeta. A região excedia nisso a já elevada taxa do país. Razões: as crianças começavam a trabalhar prematuramente. » António Luís da Costa, *Alto Douro, Terra de Vinho e de Gente, A Vida Quotidiana Alto Duriense no Primeiro Terço do Século XX*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997, p. 265.

<sup>6</sup> Cf. Lucien Diouf, « A intertextualidade : um princípio da escrita redoliana ? » In : Nova Síntese n° 7 – Alves Redol, Lisboa, Edições Colibri, 2012, pp. 229-242.



grupo não implica necessariamente a sua dissolução neste corpo social. A segunda interpretação que podemos trazer ao testemunho de Helena (« *São malcriadas, bisonhas e às vezes estúpidas* ») é que, esta personagem descrita de maneira caricatural, vê-se na narrativa hermeticamente fechada na hipocrisia e na demagogia atribuídas à burguesia, num período de mudança histórica. No que diz respeito a nossa primeira idéia, Manuel Campos Lima nos elucida :

Os indivíduos não estão fechados nos grupos sociais como em compartimentos estanques. Quer por modificação da situação económica, quer por adesão social, muitos indivíduos vêm a opor-se ao grupo de origem. O que é verdade socialmente, isto é, para o grupo no seu conjunto, pode não o ser já para este ou aquele indivíduo do grupo considerado isoladamente. (LIMA, 1948, p. 147).

Essa opinião, segundo a criação romanesca, parece ser relevante e apropriada para a personagem de Helena se tomamos em consideração três idéias diretrizes estabelecidas por Manuel Campos Lima que sublinha que, em primeiro lugar, a personagem individual não deve ser concebida e descrita só em função do coletivo ; em segundo lugar, a valorização da personagem assim como a interação indivíduo/comunidade exigem o conhecimento e a análise rigorosa desta última ; enfim, a personagem individual, mesmo quando se revela discordante em relação ao grupo, ela é um meio para chegar à problemática social. É nesse sentido que o escritor afirma : « *Se o romance pretende dar uma análise vivida da sociedade, um quadro verdadeiro, e animado da vida social, tem de, ao abordar os casos individuais, analisar cada caso isoladamente*<sup>7</sup>. » (LIMA, 1949, p. 243).

A concepção artística inerente ao Neo-Realismo, que vê na literatura um meio de problematização da realidade e da consciëntização do receptor, não afastou dos seus horizontes de ficção, a possibilidade de individualizar figuras específicas do seu universo

---

<sup>7</sup> Mário Dionísio, embora aceitando a tese sustentada pelo M. Campos Lima mostra que : « *Os Homens e as Sombras*, apesar do título fácil e mole, é um romance em que o profundo conhecimento do problema geral não impede as personagens de existirem, mas, muito ao contrário, as faz carne e sangue, as coloca nos seus meios próprios, com os seus desesperos, com as suas esperanças ». Mário Dionísio, « Os homens e as Sombras por Alves Redol, » *Vértice*, 97, Coimbra, Setembro, 1951, p. 502.



diegético<sup>8</sup>. A descrição, por exemplo, feita pela pequeno-burguesa Helena sobre as crianças das comunidades obreiras, permite-nos chegar a uma problemática social. No seu diário, ela abre um parêntese sobre o mal-estar dos trabalhadores vitícolas e não esconde a sua simpatia para com os seus filhos que representam para ela, indivíduos dotados de qualidades positivas, apesar das suas condições de vida precárias. Esta passagem de Helena da vida privada à vida pública, da estrutura familiar à estrutura social, torna menos rígido o maniqueísmo dos ricos e dos pobres, dos bons e dos maus. Esta transição pode ser colocada em paralelo com o percurso do herói problemático, Adriano, em *Cerromaior* de Manuel da Fonseca<sup>9</sup>. Adriano faz parte de uma camada social inicialmente rica, mas ele escolhe ficar do lado dos trabalhadores, partilhando a opressão e a miséria de que são vítimas os paupérrimos, depois de um itinerário pessoal de tomada de consciência política, graças particularmente à personagem marginal de Maltês rica das suas experiências de errante e de poeta. Órfão, como também é Adriano<sup>10</sup>, Helena parece estar à procura de valores

<sup>8</sup> « Toda a expressão literária inclui, portanto, uma expressão social e implica um conhecimento real. Mas este real, que a literatura nos permite conhecer de uma forma singular e concreta, não é estático mas dinâmico, não só de si, mas pela intervenção que podemos exercer sobre ele, transformando-o. » Mário Sacramento, *Há uma Estética Neo-Nealista*?, Lisboa, Dom Quixote, 1968, p. 44.

<sup>9</sup> Adriano evolui num mundo dicotómico : os patrões de um lado, os trabalhadores do outro. Ele é a única personagem do romance que não encontra o seu lugar num dos dois mundos : « Há duas espécies de homens : os que mandam e os que obedecem. Ele viera caindo desde cima e o pior era que a nenhum lado pertencia. Todos, os que mandam e os que obedecem, o afastavam, desconfiados. » *Cerromaior*, p. 219. Ele vive na vacuidade, na privação, na carência e no tédio causados pelo mundo da classe dominante : « Adriano parecia imerso num desolado vazio ». *Cerromaior*, p. 141. Indignado com os conflitos sociais, Adriano começa a procurar uma vida com valores autênticos, verdadeiros e legítimos. É precisamente a sua capacidade de passar através dos diferentes espaços de *Cerromaior*, de Casa Vã para Fonte Velha, do mundo dos dominantes para o dos dominados, que o distingue das outras personagens e que é à origem da sua progressiva tomada de consciência : « Sei que são eles (os senhores) os culpados da solidão e da fome dos trabalhadores do campo ». *Cerromaior*, p. 241. Esta leitura sintética mas lúcida e global da realidade, provoca nele um processo de rutura com o conformismo social e familiar : « Preciso de dizer-lhe que não prestamos para nada. Eu, as nossas famílias e outras, aí da vila [...]. Estou ao lado dos camponeses ». *Cerromaior*, p. 238. Elle est marqué dans le récit par un geste significatif : la libération du prisonnier et travailleur pauvre, Maltês.

<sup>10</sup> « Só com o decorrer dos meses Adriano sentiu que a sua vida mudara completamente. A morte do pai tinha-lhe cortado o curso em meio. Não sabia como matar o tempo. Já aborrecido do café e da Sociedade Harmonia Cerromaior, passeava ao acaso [...]. » *Cerromaior*, p. 37.



autênticos num mundo degradado. Ela acusa o mundo dos negócios e questiona-se sobre o comportamento indiferente dos proprietários terrenos, sobre o desinteresse de todos os que possuem os meios de produção, para com as crianças rurais sem futuro. O encontro dessas crianças na escola (para os que vão) com os alunos de outras classes, põe em destaque a sua sujidade e a sua fome. Essas carências são o resultado de privações impostas pela crise social e pela miséria sem esperança. Privadas da protecção familiar e social, sozinhas e sem defesa, elas sentem em qualquer ocasião a sua fraqueza. A descrição (« *tão imundas, outros animais, pobre animal esfomeado e faminto a devorar* »), os remete a uma condição selvagem e, lembra a máxima de Plauto *Homo homini lupus* que mostra que este processo de animalização é frequente desde a antiguidade e, traduz o estado de inferiorização e de desumanização dos seres humanos pelos seus semelhantes :

A escola é um óptimo espelho de todos os males que afligem esta pobre gente. Vêm menos crianças e, as que aparecem, mirram-se em cada dia que passa. Chegam mais sujas e algumas são tão imundas que me parecem inferiores a outros animais. Um dos pequenos desmaiou hoje, quando a mamã me chamou para a ajudar ; vim cá dentro cortar uma fatia de pão para lhe oferecer. Comeu-a num instante e o pão era duro. Nunca mais esquecerei aquele rosto desfigurado que nem foi capaz de me agradecer. Isso chocou-me bastante. Era um pobre animal esfomeado e faminto a devorar uma côdea. E os olhos da maioria voltavam-se para mim, numa súplica muda que me deu vontade de chorar, confesso. (REDOL, 1949, pp. 55-56).

Enquanto os especuladores do vinho de Porto aproveitam das flutuações do mercado, os pequenos produtores questionam-se sobre as possibilidades de sobrevivência. Mas aqueles que pagam o mais pesado tributo dessa fratura social são obviamente os cavadores. Comparados a mendigos, a sua subsistência depende do trabalho que lhes oferecem os proprietários terrenos. Helena, num sentimento de solidariedade humana e para uma ação transformadora, nos dá mais detalhes sobre este fato : « *Quis esta manhã dar esmola a um velho e ele olhou-me [...], dizendo que não era pedinte, mas um cavador que precisava de trabalho* » (REDOL, 1949, p. 58). A vida dos sem-terra, como a dos seus



filhos, reflete a crise vitícola e a especulação abusiva que paralisam o sistema de exploração da vinha.

Reflectindo sobre a questão da miséria social, discernimos melhor a personagem de Helena, suas ambições e suas verdadeiras relações com o povo. Na sua descrição realista, ela testemunha no seu diário da alienação que afecta as classes trabalhadoras, mas é incapaz de imaginar as verdadeiras causas da problemática social, do mal-estar dos sem-terra e, no entanto, propor uma resposta adequada a esta injustiça. Além disso, a sua educação burguesa e « *o processo de fingimento imposto pelos outros* » (ROIG, 1984, p. 74) a privam de um espírito de análise em frente dos males de que sofre a sociedade. É por esta razão que, uma vez confrontada com a realidade da vida, é desarmada e incapaz de fornecer outras respostas : « *Há coisas que é melhor ignorarem-se toda a vida, porque isto de pobres não há remédio e até são precisos para que Deus possa distinguir as almas caridosas das outras. Mas custa... E Deus, quando fez os pobres não os quis tão pobres, com certeza* » (REDOL, 1949, p. 56). A redundância da solicitação de Deus e a repetição do substantivo pobre são provas que atestam que Helena não tem soluções imediatas diante esses « *filhos dos homens que nunca foram meninos*<sup>11</sup> ». Se ela planeja organizar uma quermesse para os ajudar, ela esconde os seus sentimentos verdadeiros, as suas esperanças e os seus medos<sup>12</sup>. Ela trata essas crianças de coitadas e infelizes ao pensar que a alma já a venderam ao Diabo. A partir dessas declarações como podemos considerar a personagem de Helena ?

A revelação da sua consciência modifica profundamente a sua aparência, ela que, através das suas palavras, ações e projetos, parece ser a encarnação do bom Samaritano, acaba por desvendar a sua duplicidade. O seu temperamento duplo depende do contraste

<sup>11</sup> Esta expressão é de Soeiro Pereira Gomes na dedicatória do seu romance *Esteiros*.

<sup>12</sup> O comportamento de Helena é semelhante à atitude misericordiosa, indulgente, mas engenhosa da mãe de Adriano em *Cerromaior* de Manuel da Fonseca : « Isto era pela tarde, quando o portão ao fundo do quintal se tapava de pobres. É de mais, todos os dias a pedirem ! – protestava a avó, da porta de cozinha. Mas a nora, sem fazer caso, ia buscar esmolos. - Vem comigo, Adriano. Adriano seguia-a. Os velhos tiravam o chapéu, as mulheres benziam-se, invocando a bênção do Céu sobre a casa ». *Cerromaior*, p. 54.



que existe entre a sua verdadeira imagem pequeno-burguesa e aquela que ela quer encarnar no início de seu diário. Ela tem uma aparência compassiva para com os filhos dos sem-terra, mas na realidade, Helena é a encarnação perfeita do jogo de ser e do parecer. A sua abertura para um outro mundo lhe permite vislumbrar, mas não viver a miséria social. É claro que ela sabe como envolver-se em explicações volúveis, mas a sua sensibilidade para com os trabalhadores rurais não passa de uma máscara atrás da qual esconde-se um vazio interior, uma falta de consciência e de perspectiva social. A sua duplicidade e a sua cultura da aparência percorrem o seu discurso e impregnam o universo diegético da pequena burguesia de uma forte tendência satírica. Essa estratégia narrativa que emerge na obra cíclica redoliana resulta de uma escolha estética e ideológica que tem como alvo a eficiência de uma narrativa adaptada às circunstâncias históricas.

A aborgem psicológica desta mulher singular pressagia uma alteração radical dos princípios da sua classe e, revela que a sua atitude de pequeno-burguesa ilustra perfeitamente a possibilidade de uma rutura histórica. A mensagem que Alves Redol parece transmitir através desta personagem é a de uma sociedade marcada pelos estigmas dos valores burgueses. É o que Adrien Roig chama, referindo-se a apresentação do romance *Pequenos Burgueses* de Carlos de Oliveira, a « *terrível oposição entre o ser e o parecer* » : « *Por um lado, o que o homem poderia ser se fosse livre e sem restrições e, por outro, o que ele é realmente ou o que a sociedade o obriga a parecer*<sup>13</sup> » (ROIG, 1984, p. 74). Esses valores são muito diferentes da realidade existencial das classes populares certamente preocupadas com um futuro incerto, mas educadas na escola da vida. O autor de *Gloria - uma Aldeia do Ribatejo* esconde dificilmente a sua simpatia por essas personagens populares que representam tipos sociais, aos quais ele atribui qualidades positivas. Através da personagem de Helena, é o mundo burguês e as classes populares que se confrontam. Precursor do despertar das consciências das massas rurais, Alves Redol, num processo

---

<sup>13</sup> A tradução é nossa.



ideológico, mostra que o desaparecimento do primeiro grupo é simbolicamente necessário para a sobrevivência do segundo.

Das duas hipóteses que emitimos, se a primeira parece ser aprovada pelo crítico e detrator do Neo-Realismo, a segunda aproxima-se mais da concepção redoliana de um mundo burguês ardente partidário da atomização dos trabalhadores em indivíduos abstratos. O ficcionista vilafranquense, em que as concepções artísticas e políticas são intimamente ligados, não deixa parecer em favor deste universo uma remissão nenhuma. É nesta perspectiva que ele lembra no prefácio da décima oitava edição de *Gaibéus* que : « *Éramos ferozes antiburgueses [...] e escavacávamos os espantalhos conformistas da burguesia* » (REDOL, 1939, p. 40).

A nossa análise da atitude de Helena não quer dizer que a verdadeira imagem da personagem seja alterada. O narrador na sua liberdade criativa, de um lado, nos convida a partilhar a concepção e a experimentar os sentimentos desta mulher, não deixa, de um outro lado, de acrescentar elementos que nos interpelam e que nos forçam a manter uma distância crítica em frente da sua conduta. Aliás, são essas idas e vindas entre a confiança e a desconfiança, entre o peso das aparências e a realidade, que caracterizam o modo de ser, e claro, a representação da mulher pequeno-burguesa na obra romanesca redoliana. Apesar do recurso constante ao seu ponto de vista, esta personagem não evolui senão nos limites muito estreitos fixados pelo narrador, que prefere não ter suficientemente em conta a imagem completa e a complexidade da sua personagem. Na sua descrição das relações sociais, o narrador critica ironicamente a cegueira burguesa, denuncia a sua caridade disfarçada e fustiga a sua boa consciência que dissimula mal o seu egoísmo. Em vez de dar trabalho ou de comprar o vinho dos trabalhadores agrícolas a um preço justo, os burgueses ostentam as suas boas ações ao dar esmolas aos sem-terra, para melhor mantê-los na dependência, na mendicidade, e por conseguinte, no obscurantismo. A partir deste processo obscurantista e desta vontade de penhora, podemos comparar Helena a Dona Clemência de *Levantado do Chão* de José Saramago. Esta rica proprietária, sempre próxima do Padre



Agamedes, pároco da igreja local e da ideologia em vigor, aparece à primeira vista no romance do autor de *Memorial do Convento*, como a encarnação da generosidade e da indulgência. Esta virtude traduz-se pela distribuição da esmola aos filhos dos lavradores pobres de Monte Lavre no Alentejo. No entanto, o valor simbólico do seu nome, Clemência, é antes de mais nada irónico, e a sua caridade cristã permanece mais do que nunca veemente e sarcástica, porque reduz os camponeses à condição humilhante de mendigo : « *É uma cerimónia linda, derretem-se os corações da santa compaixão, nenhuns olhos ficam enxutos* » (SARAMAGO, 1980, p. 187).

E agora reconhecemos e louvemos a cristã mortificação de Dona Clemência que tendo ao seu alcance, em tempo e meios de fortuna, o conforto permanente e assegurado da sua alma imortal, e ele renuncia não dando toucinho e feijão frade todos os dias da semana, é esse o seu cilício. (SARAMAGO, 1980, pp. 188-189).

Do ciclo *Port-Wine* como de *Levantado do Chão* emergem uma ironia feroz, uma denúncia da falsidade e da inautenticidade provenientes do confronto entre a realidade das famílias pobres e o discurso burguês. Na sua obra cíclica, o escritor ribatejano fornece um amplo quadro de uma sociedade hierárquizada. Ele põe em relevo os interesses económicos dos diferentes grupos : latifundiários e especuladores contra pequenos agricultores e sem-terra; viticultores do Sul contra os do Norte, burguesia comercial contra nobreza . As tensões sociais e os conflitos económicos ocupam o primeiro plano e dominam as relações entre as personagens da trilogia. É através deste povo alto duriense uno e múltiplo que Alves Redol nos propõe uma abordagem sociológica da sociedade do vinho do Porto.

A representação do feminino no ciclo *Port-Wine* e através do percurso iniciático de Helena revela um outro aspeto da conceção moral e social do mundo pequeno-burguês : o do amor e do casamento. Ao redor da personagem, os estorvos de ordem privada e socioeconómica cristalizam-se e a tornam inapta a enfrentar de uma maneira ou de outra a sua condição de menina pequeno-burguesa. Ela evoca o seu determinismo biológico, pensa não ter o sentido de moralidade como o da família, por isso quer



representar uma concepção diferente da vida mas percebe que é impossível fugir o que ela é, a sua natureza. As palavras negativas, a abundância de prefixos privativos (« *defeituosa, desgosto* » ), de negações (« *falta-me, sem, não* » ) fazem dela uma prisioneira, de valores de uma sociedade fechada e provinciana, de um pelourinho social e de uma existência sem impulso para iniciar uma mudança de vida :

Sou filha de uma professora de aldeia com uma educação defeituosa que me leva a olhar para mais alto do que me é permitido. [...] Falta-me a coragem para abalar e sei que sem isso não vale a pena viver mais. Acabar comigo seria uma solução. Mas também não vale a pena pensá-lo muito, porque me agarro à ideia de que a mamã morrerá de desgosto e fico sem vontade para realizar esse desejo. (REDOL, 1949, pp. 235-236).

O seu quotidiano nos é apresentado em toda a trilogia através das contradições que enfrenta a pequena burguesia. Figura feminina em busca de identidade, o seu drama vem de sua incapacidade de se situar adequadamente, de planejar e melhorar a sua situação diante de uma estrutura de classe muito rígida. Sente-se esmagada pelo sofrimento mental, pela privação material e sobretudo pela organização social. A má imagem que ela tem de si, óbvia no seu discurso, toma um aspeto existencial e levanta a questão fundamental : « *Para que vêm ao mundo as pessoas como eu ?!...* » (REDOL, 1949, p. 303). De outra maneira, ela não consegue imaginar um destino para libertar-se e dar sentido a sua vida repetitiva. Pelo contrário, ela prefere expor-se à ira da sociedade, de um mundo feito de conformismo e de convenção de que ela faz paradoxalmente parte : « *Prefiro que a terra estale a suportar esta vida terrivelmente monótona* » (REDOL, 1949, p. 85). Esta perda de vontade e de caráter é a consequência direta da crise de valores, alimentada por uma série de privações que atravessa a sua classe. Helena refugia-se num mundo onde a única escapatória possível permanece a inércia e o sonho romântico, oriundos da função decorativa e superficial reservada à mulher pequeno-burguesa. Na sua família, o casamento



impõe-se como uma oportunidade, a única possibilidade de promoção social<sup>14</sup>, acontecimento frequente na época. Como o confirma Alexandre Pinheiro Torres : « *O Romantismo seria profundamente caracterizado pela fuga à realidade, pela nostalgia de mundos diferentes do nosso, o gosto do fantástico e do singular, o culto do herói individualista burguês* » (TORRES, 1977, p. 65).

A personagem de Helena, por sua insatisfação e frustração, lembra-nos a da Cilinha em *Pequenos Burgueses* de Carlos de Oliveira, que também escreve cartas exultórias (que nunca vai enviar a Pablo Florez)<sup>15</sup>. Helena, observada em detalhes, pode também ser comparada com a da Luísa de *O Primo Basílio* de Eça de Queirós<sup>16</sup>. De natureza e de educação viradas para o sonho romântico, como Luísa, ela rejeita a hostilidade e a indiferença da sociedade. A incapacidade da nossa protagonista a aceitar e a integrar-se num mundo que instintivamente o desagrada, a incentiva a testemunhar. Confrontada com a dura realidade da existência humana, ela prefere consagrar-se a escrever o seu diário que implicitamente revela os mecanismos psicossociais que determinam o seu sonho de ascensão social. Como sublinha Karl Marx : « *O casamento, a propriedade, a família [ ...] constituem na prática, a base sobre a qual a burguesia erigiu a sua dominação , porque*

<sup>14</sup> A educação neste universo assume um lugar de destaque, na medida em que, sem qualquer formação, a mulher não tem outras possibilidades de sobrevivência fora dos valores burgueses que a destinam ao casamento dando-lhe o papel de procriadora.

<sup>15</sup> As privações de Helena não são apenas afetivas ou sexuais, mas aplicam-se à totalidade da sua existência, (« Na aldeia não há ninguém que me compre. » *Horizonte Cerrado*, p. 236. « Para que vêm ao mundo as pessoas como eu ?!... » *Ibid.*, p. 303.) como as faltas também de Cilinha, a filha do Major, que sonha, não em Delegado, um funcionário público, seu noivo (Cf. *Pequenos Burgueses*, pp. 163 à 167), mas em Pablo Florez (Acusado de ser um informador dos serviços secretos alemães e da polícia política Portuguesa), quem com a sua aparência de monstro estimula a sua imaginação e desperta nela o desejo sexual : « O hálito espesso dele toca-lhe os lábios. Abro mais os olhos. Minha Nossa Senhora, afinal parece o Pablo Florez. E afasto-o de mim, empurro-o, furiosa ». (*Pequenos Burgueses*, p. 165.)

<sup>16</sup> Como Helena, Luísa é uma jovem acostumada às leituras românticas, um produto acabado e um reflexo da sociedade a que pertence. A sua educação é determinada pelas diretrizes estabelecidas pela pequena burguesia. O seu papel na sociedade é mínima. Com os seus atributos e a ausência do marido, partido no Alentejo por motivos profissionais, ela não tem argumentos eficazes para resistir à tentação do seu ocioso primo Basílio, de volta de Paris. Após uma troca de várias cartas românticas, ela sucumbe às declarações do sedutor profissional Basílio. Ela pensa assim, como Helena, preencher a sua solidão, o seu vazio, a sua ociosidade, obter uma função e dar um sentido à sua vida. A identificação da personagem redoliana com a personagem queirosiana sustenta a vontade de Alves Redol de perpetuar a tradição literária portuguesa.



*essas instituições, na sua forma burguesa, são as condições que tornam um burguês burguês*<sup>17</sup> » (MARX, 1977, p. 164).

Nesta estrutura social rígida e imutável que tende a perpetuar-se de geração em geração, é em primeiro lugar a mãe da Helena, Dona Assunção, uma viúva, que parece estar à procura de um homem rico, capaz de a sair da sua falta de afeto, dos seus problemas e da sua vida monótona de professora primária. A sua personagem não é tão complexa como a da sua filha, no entanto a sua caracterização psicológica não é linear. Ela é avaliada em termos do que lhe falta, à dimensão do seu desejo de evasão, de um marido capaz de lhe facilitar a promoção social. Dona Assunção, de acordo com o padrão e os códigos sexuais dominantes, encontra essas qualidades em Silva Costa, o especulador ideal apto a curar todas as suas feridas sociais e torná-la rica : « *Mostrar-se admirada ou recebê-lo com um sorriso de complicidade, como de quem lhe disesse aguardar de há muito um tal momento ? [...] Tenho tanto que lhe dizer ! Tanto !...* » (REDOL, 1949, pp. 138-139). Antes de encontrar o especulador, ela já imagina uma vida feliz e cenas de amor :

A lengalenga das lições, a algazarra dos rapazes, a régua, o quadro, o mapa, todo aquele conjunto de objectos, pessoas e problemas que a enchia de mágoa, de angústia, talvez, quando os considerava permanentes na sua existência. Mas agora tinha a certeza de que tudo isso estava prestes a acabar. O Silva Costa usufruía uma boa posição [...]. (REDOL, 1949, p. 37).

O narrador onisciente, em conformidade com as políticas de exclusão das mulheres da época, revela uma mulher frustrada, solitária e insatisfeita, correspondendo ao padrão destacado por Alexandre Pinheiro Torres na sua teoria das privações.

Ironicamente, é Silva Costa, o homem por quem Dona Assunção pretende obter uma ascensão social através do casamento, que acaba por entrar na vida de Helena. Inicialmente céptico, o especulador finalmente confessa com reverência os seus verdadeiros sentimentos : « – *Penso fazer minha esposa... a filha de V. Ex.a* » (REDOL, 1949, p. 143). Silva Costa enfraquece e transforma o mundo romântico e evasivo da Helena. A diferença de idades,

---

<sup>17</sup> A tradução é nossa.



entre outras razões, fazem com que Helena o considera como uma verdadeira caricatura do seu ideal sentimental e, não se deixa levar pelos desejos de que ela é o alvo : « *Na aldeia não há ninguém que me compre* » (REDOL, 1951, p. 236). Helena, mulher que vive as suas angústias de forma isolada, resume os seus dissabores sentimentais no seu diário, porque os homens de sua geração com quem queria casar-se partiram todos : Albano de Freitas em pleno ascensão está imerso no mundo dos negócios, Dom Afonso, o aristocrata caído, precisa casar-se com uma mulher rica. No entanto ela continua a esperar pelo príncipe encantado, embalada pela ilusão de uma função social.

A sociedade em que vive Helena, feita de evidências, atribui-lhe uma função muito limitada. A sua solidão e ansiedade ao amplificar-se, desvendam a sua verdadeira tragédia que reside no fato que ela não tem paradoxalmente alternativa ou escolha, fora do casamento, para permanecer autónoma. A sua educação e a sua incapacidade de tornar-se independente através do trabalho são, entre outros, fatores que devem ser considerados para compreender a sua obrigação de buscar a auto-suficiência através do casamento : « *Nasci para me interessar por homens que talvez me desprezem. Mereço eu, porventura, mais do que isso ?!* » (REDOL, 1949, p. 235). O comportamento de Helena e as paixões que a dominam referem-se a uma ordem social particular, isto é, a uma sociedade inteiramente baseada no interesse e nas relações financeiras. Ela não consegue escapar-se do condicionamento que exerce a sociedade sobre o indivíduo. É por esta razão que ela acaba por aceitar a única possibilidade que o seu meio social lhe oferece : o casamento. Mas os pormenores do seu percurso revelam a sua evitação : « *Perdi a alegria ; tudo me amarga ; apetece-me fazer mal a alguém, e esse alguém é o Silva Costa* » (REDOL, 1949, pp. 235-236). Helena, reduzida ao mero estatuto de dona de casa e de futura reprodutora, permanece no seu mundo privado e tem a impressão de vender-se ou melhor de ser vendida pela sua mãe ao antigo administrador de Dom Fernando. Este último, sinónimo de repugnância e de desprezo, representa para ela o homem que quebrou os seus sonhos de menina. O recurso frequente aos verbos que remetem ao comércio e ao dinheiro : comprar e vender, apoia a



tese do amor-mercadoria, da mercantilização da mulher : « *Diria que me vou vender. Sim, é isso, é bem o termo*<sup>18</sup> » (REDOL, 1949, p. 272).

Depois de vários pedidos, é só em *Vindima de Sangue*, o terceiro volume do ciclo *Port-Wine*, que Helena aceita « amodar » o seu corpo, dando-se ao marido para em seguida dar à luz um filho, um herdeiro. Este filho, tão desejado por Silva Costa, ergue-se como um milagre que satisfaz a vida de um casal que muito tempo se procurou, ele muda o olhar e o julgamento do meio social de matriz machista sobre os esposos e, cria um vínculo forte e indissolúvel entre eles.

Entretanto, o apetite voraz do especulador Silva Costa e as suas ambições excessivas são coroados de sucesso. Fruto do individualismo liberal e dos seus valores, ele multiplica exponencialmente as suas propriedades. Com efeito, a sociedade liberal, baseada exclusivamente sobre a competitividade e a capacidade de juntar dinheiro, abriu as portas para todos os tipos de ambições e permitiu a indivíduos de camada social desfavorecida adquirir um poder económico, político, mas também prestígio. Silva Costa aproveita da desagregação das propriedades do aristocrata Dom Fernando e aumenta a sua quinta do Rio Torto, compra terras aos pequenos produtores sufocados pela crise vitícola, a usura e a privação, e constrói a sua casa. Silva Costa, marido criador de riqueza, mobiliza todas as suas forças e muda a situação e o estatuto da sua esposa Helena que deixa definitivamente o seu diário e evita invocar o seu passado<sup>19</sup>. É por esta razão que, em *Vindima de Sangue*, não se encontra traços de seu diário. A menina romântica, símbolo da indecisão, transforma-se numa esposa calculadora e individualista. Ela desfruta e faz beneficiar a sua mãe das riquezas do seu marido. Doravante Helena, pela sua posição na sociedade, pelo seu poder

---

<sup>18</sup> Nós encontramos ao longo dos dois primeiros volumes da trilogia, trechos do diário que contam as peripécias da vida sentimental de Helena com Silva Costa, particularmente em *Horizonte Cerrado*, pp. 272 ; 273 ; 302 ; 303.

<sup>19</sup> A maior qualidade deste jornal, na nossa opinião, parece ser a sua intervenção para orientar a descrição dos acontecimentos do momento e antecipar através da prolepse sobre os eventos futuros. Assim, o enredo do ciclo *Port-Wine* não poupa surpresa para o leitor. Nenhum evento é fortuito. Tudo é anunciado com antecedência, às vezes, logo no primeiro volume. O narrador onisciente desaparece de vez em quando e deixa à Helena e o seu jornal, a iniciativa da descrição.



económico e pelo seu prestígio social, é uma burguesa. Já não há nada nesta família enriquecida, que não é indicador de bem-estar, o resultado de um longo percurso individual e coletivo, espacial e psicológico. Num jogo de sedução, o especulador : « *Insistia com a mulher e a sogra para que se não coibissem em despesas que considerassem necessárias ; e pagava tudo sem hesitar um instante ou levantar uma objeção* » (REDOL, 1953, p. 189).

Dona Assunção, como o seu nome o indica, conseguiu a sua ascensão social. Doravante dependente economicamente do genro, já não precisa de trabalhar para viver. O seu furioso apetite de dinheiro vê-se saciado. A sua filha já não pensa no povo a quem dedicava a maior parte de seu diário. A jovem pequeno-burguesa sem futuro a quem faltava alegria e prazer de viver porque vencida pelos acontecimentos infelizes da vida, passando horas fechada no seu quarto, transformou-se numa mulher-esposa. É diferente aquela que parecia lutar contra a pobreza dos sem-terra e que repugnava o retrato físico e moral de Silva Costa, tratando-lhe de « *Animal venenoso com um aspecto pacífico* » e, proclamando em voz alta : « *horroriza-me ainda mais o seu espírito do que o seu físico* » (REDOL, 1949, p. 302). O seu desprezo pelas massas rurais confirma-se e está em perfeito acordo com a parêntese que tinha aberto no seu diário, considerando os trabalhadores vitícolas e os seus filhos « *estúpidos, coitados – estúpidos e infelizes* » (REDOL, 1949, p. 58). Ao passar da pequena burguesia à burguesia, Helena decide instalar-se confortavelmente no Porto como dona da casa com o seu filho para desfrutar das delícias da sua família. Da cidade, « *aprendendo rendas e dando-se ares de senhora fina* » (REDOL, 1953, p. 349), ela dita ao marido que fica no campo do Alto Douro, o que fazer para o negócio e as terras. Orgulhosos de um percurso que é ao seu elogio, Helena e Silva Costa constituem um casal que pertence à nova burguesia: eles têm dinheiro e gozam de um certo poder e prestígio social. Proprietário das terras dos Pimentel, as de vários pequenos viticultores e futuro dono das dos Teimas, a família Costa conseguiu a sua ascensão, a sua aclamação na sociedade do vinho do Porto. Ela entra no círculo bem fechado da nova aristocracia, deixando para trás um balanço histórico bem misturado, um passado pouco glorioso.



Na estratificação social, eles vêm no entanto de duas camadas distintas : Helena pertence a uma pequena burguesia, não muito abastada, que começa a perder os seus privilégios e cujos membros são oriundos da nobreza arruinada ou do povo que se esforça desesperadamente a elevar-se e enriquecer-se. Quanto a Silva Costa, ele é do povo : « *comecei do nada* » (REDOL, 1953, p. 336), diz ele. A burguesia, portanto, parece-nos como o resultado da fusão de duas classes que mudaram de estatuto, o capital ficando o verdadeiro motor desta aliança de classe. Esse tipo de casamento, como o análise Karl Marx, não poderia ser feito numa sociedade sem classes :

Ele (o dinheiro) é a perversão geral das individualidades, que as muda no seu contrário e dá-lhes qualidades que contradizem as suas próprias qualidades. Ele parece então também como este poder de perversão contra o indivíduo e contra os laços sociais [...], ele é a fraternização das impossibilidades. Obriga a abraçar-se o que se contradiz<sup>20</sup>. (MARX 1972, p. 123).

A mentalidade de Helena, o seu funcionamento e as suas esperanças são muito representativos do novo espírito liberal. Para a sua realização pessoal e para encarnar sem atenuantes a imagem acabada da mulher moderna, ela deixa o campo, estabelece-se definitivamente na cidade, longe do especulador, desfrutando plenamente da sua nova vida de rica. Para o marido, da plenitude e da euforia do nascimento do filho, seguem o esvaziamento e a disforia da partida da esposa. O ciclo *Port-Wine*, trilogia onde o íntimo ladeia o universal, aborda assim um aspecto da vida conjugal baseada no amor com as suas falhas. Helena, ao afastar-se do campo, afastou-se do marido e da ficção. A distância tomada em relação a Silva Costa é, de um lado, uma prova do fundamento deste casamento sobre o capital : « *Lembrava-se de Helena, agora tão distante dele como nos primeiros dias do casamento, vivendo só para o filho e tratando-o como a um estranho* » (REDOL, 1953, p. 198) ; de um outro lado, uma libertação do labirinto dos códigos sócio-ideológicos dominantes e do poder marital, prefigurando o reconhecimento do estatuto social e a emancipação da mulher.

---

<sup>20</sup> A tradução é nossa.



## 2. Considerações Finais

As aparências, marca da ordem burguesa, desempenham um papel imprescindível na construção do percurso de Helena. Em contrapartida, os valores puramente humanos, isentos de valores de classe social, ocupam um lugar secundário porque sacrificados para a necessidade de manutenção da ordem aparente, do prestígio, do dinheiro e do poder. Todos os elementos evocados para caracterizar a personagem de Helena podem ser ligados a uma noção de classe social, pondo em prática a moral utilitarista e individualista do liberalismo. Helena não é uma outra personagem senão aquela que a sua classe tem feito dela. Tudo deve contribuir a (re)colocar a personagem dentro dos limites que são os de sua classe. Convencidos de que « *o romance só é possível num contexto social onde existem valores problemáticos* » (ZIMA, 2003, p. 362), verificámos que Alves Redol, fortificado pelas suas convicções ideológicas e guiado pelo materialismo dialético, quer explicar que o liberalismo ao desenvolver-se, não falta provocar danos em torno dele reforçando assim, e sem escrúpulos, o conceito ideológico de dominação do homem pelo homem. Com efeito, a sociedade burguesa moderna, construída sobre as ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classes. Ela só substituiu novas classes, novas formas de opressão, novas condições de luta, para as do passado. Constatámos também que, a representação do feminino na obra cíclica redoliana, ao revelar-nos a diferença entre a verdade interior da personagem e o mundo das aparências e conformidades, denuncia o eu-individual e convida ao eu-social, coletivo, à luta sócio-político para o estabelecimento da justiça social, dos valores intemporais e universais inerentes a uma sociedade igualitária e livre. É desta liberdade premonitória que a nossa protagonista feminina aproveitou para efetuar a sua passagem do mundo rural ao mundo urbano, rompendo de uma vez para sempre com o paradigma do poder patriarcal e machista, do homem produtor e da mulher reprodutora.



## Bibliografia

- COSTA, António Luís da. **Alto Douro, Terra de Vinho e de Gente, A Vida Quotidiana Alto Duriense no Primeiro Terço do Século XX**. Lisboa : Edições Cosmos, 1997.
- DIONÍSIO, Mário. Os homens e as Sombras por Alves Redol. In : **Vértice**, n° 97. Coimbra : Setembro de 1951.
- DIOUF, Lucien. A intertextualidade : um princípio da escrita redoliana ? In : **Nova Síntese n° 7 – Alves Redol**. Lisboa : Edições Colibri, 2012.
- ENGELS Friedrich. **L'origine de la famille, de la propriété privée et de l'État (1884)**. Moscou : Les Éditions du Progrès, 1976.
- FONSECA, Manuel da. **Cerromaior**. Lisboa : Caminho, 1997 [1981].
- LIMA, Manuel Campos. Ciclo Port-Wine I : Horizonte Cerrado, romance de Alves Redol. In : **Vértice**, n° 74. Coimbra : Outubro de 1949.
- . Personagens da vida literária, personagens da vida real. In : **Seara Nova**, n° 1077. Lisboa. 1948.
- MARX, Karl. **L'idéologie allemande**. Paris : Editions Sociales, 1977.
- . **Manuscrits de 1844**. Paris : Editions Sociales, 1972.
- OLIVEIRA, Carlos de. **Pequenos Burgueses**. Lisboa : Livraria Sá da Costa, 1978.
- REDOL, Alves. **Horizonte Cerrado**. Lisboa : Edições Cosmos, 1949.
- . **Os Homens e As Sombras**. Lisboa : Europa-América, 1981 [1951].
- . **Vindima de Sangue**. Lisboa : Europa-América, 1980 [1953].
- ROIG, Adrien. Crepúsculo de Carlos de Oliveira : Présentation oubliée de son roman Pequenos Burgueses. In : **Quadrant**. Université Paul-Valéry, Montpellier : 1984.
- SACRAMENTO, Mário. **Há uma Estética Neo-Nealista ?**. Lisboa : Dom Quixote, 1968.
- SARAMAGO, José. **Levantado do Chão**. Lisboa : Caminho, 1980.



TORRES, Alexandre Pinheiro. **O Neo-Realismo Literário Português**. Lisboa : Moraes Editores, 1977.

----- . **O Movimento Neo-Realista em Portugal na sua Primeira Fase**. Lisboa : Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa, 1977.

ZIMA, Pierre. **L'ambivalence romanesque. Proust, Kafka, Musil**. Paris : L'H